

cultural

Este caderno é parte integrante da Revista da APM – Coordenação: Guido Arturo Palomba – Março 2014 – Nº 255

Desafios, moral e ética

Nelson Guimarães Proença

Ao nascer, somos apenas seres biológicos, geneticamente determinados, nossa história remonta a milhões de anos. Ao receber a alimentação materna, ao começar os movimentos, ao sentar, ao andar, estamos apenas desenvolvendo aquilo que está inscrito em nossa biogenética. Até aqui não “aprendemos” nada, apenas “começamos a fazer” aquilo para o que fomos geneticamente programados.

O mesmo não se aplica à linguagem falada e à linguagem escrita, que permitem aos seres humanos a comunicação entre si. Elas precisam ser transmitidas, aprendidas, passando de geração para geração. Nesse caso, estamos “aprendendo a fazer”.

Essa abordagem destaca a convergência de duas distintas vertentes, que concorrem para a formação de cada um de nós: aquela que nos programa e aquela que precisamos programar. Dessa convergência resulta o ser social que seremos.

O ser humano, do nascimento à morte, é submetido a pressões que o modelam. E que o conduzem, ao longo de sua vida. São pressões que resultam, de um lado, de valores culturais relacionados à ética e à moral. De outro, dos desafios cotidianos, estes obrigando cada um de nós a conquistar seu próprio espaço, na sociedade em que vivemos.

Vamos lançar um olhar sobre estes últimos, os desafios.

Diariamente somos colocados diante da necessidade de garantir a sobrevivência, um problema de todos. No corpo social ao qual pertencemos temos de garantir, sim, a própria sobrevivência. Ao mesmo tempo, temos de respeitar “o outro”, que também necessita garantir sua própria sobrevi-

vência. Para criar a ponte, entre o “eu” e o “outro”, a qual permitirá a ambos assegurar a convivência harmoniosa entre si, não é possível pensar, exclusivamente, em como atender a “meus interesses”, às “minhas necessidades”. É preciso permear a relação social, obedecendo, claro, aos preceitos legais. Mas, acima de tudo, é preciso exercitar, dia a dia, os princípios ditados pela moral e pela ética.

O que é a moral? A moral é variável, segundo a época e o lugar, mas resulta sempre de um conceito coletivo, estabelecido e aceito. A moral é social.

E a ética? A ética é algo intrínseco à pessoa, resulta de um compromisso do indivíduo consigo mesmo, um compromisso que norteia suas ações, junto aos seres humanos com os quais convive.

Embora não tenhamos consciência do conteúdo de nossos comportamentos, em todos os momentos de nossa vida estamos agindo a partir de princípios morais e éticos. Ou, ao contrário, estamos totalmente desprovidos deles.

Tomemos, como exemplo, o momento em que homem e mulher, que se amam e se unem, estão dispostos a constituir uma família. O futuro dessa comunhão conjugal exigirá a conciliação entre necessidades materiais e valores espirituais, sendo estes últimos os ditados pela moral e pela ética.

Olhemos, agora, para os filhos desse casal.

É preciso educar esses filhos de modo a oferecer, a eles, a oportunidade de construir seu futuro pessoal.

É preciso educar os filhos para que se amem, uns aos outros, formando uma sólida aliança familiar.



Disponível em: <<http://oqueseranovayork.blogspot.com.br/>>

É preciso educar os filhos para que saibam agir, sempre, com sentimento de justiça e de respeito ao próximo.

Desde pequenas, essas crianças necessitam receber sua *formação moral*, primeiro na própria família, a seguir no sistema educacional. E, sempre, vinda do conjunto da sociedade, em que vivem.

“Devo fazer as coisas” apenas por que assim está na lei, por que atende aos princípios da moral já aceitos, por que está de acordo com o que é justo? É claro que tudo aquilo que faço deve estar fundamentado em todas essas razões. “Sei que é assim que devo agir”.

Mas é preciso ir além, vem agora o lugar da ética.

A *formação ética* percorre um caminho mais complexo, que tem de ser construído de dentro para fora. Sim, a ética não vem de fora, ela vem de dentro de cada um, tem muito a ver com aquilo que denominamos “a consciência”. A conduta moral e a ação social, de cada qual, ficarão mais completas quando nossa consciência acrescentar, ainda mais, a ética. Isso permite estar mais de acordo com aquilo que a

sociedade de nós espera, mais de acordo com o que cada um espera de si mesmo.

Princípios morais e princípios éticos: eles se completam e engrandecem a presença, na sociedade em que vivemos, tornando o convívio mais humanizado.

Nelson Guimarães Proença

Professor Emérito da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Membro da Academia de Medicina de São Paulo

Lembrança do Jaçanã

Bernardo Bedrikow



Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/>>.

Pavilhão do pronto-socorro do Hospital São Luiz Gonzaga



Disponível em: <<http://www.santacasasp.org.br/>>.

Vista aérea do Hospital São Luiz Gonzaga

O Hospital São Luiz Gonzaga, no Jaçanã, pertencente à Santa Casa de São Paulo, conserva desde o início de suas atividades forte vocação para o ensino e a pesquisa. Após ter sido sanatório para hansenianos, voltou-se para o tratamento da tuberculose até que a demanda de leitos hospitalares para essa endemia deixou de ser prioridade. Passou, então, à categoria de hospital geral e de geriatria, abrigando também um Pronto-Socorro Municipal de grande movimento.

Por muitos anos, o curso de férias de atualização sobre tuberculose constituiu-se em referência, frequentado inclusive por colegas de outros Estados. Figuras de renome lecionavam nesse curso, médicos do Hospital e convidados. Para lembrar apenas um exemplo, citamos o Professor Euríclides de Jesus Zerbini, que, antes da cirurgia cardíaca, praticava cirurgia torácica no Jaçanã.

Durante as férias entre o 5º e o 6º ano do curso médico, isto é, no início de 1947, tive ocasião de frequentar o curso. A partir daí, por motivos diversos, minha ligação com o Jaçanã tornou-se cada vez mais forte e frequente.

Por volta de 1940, houve no Jaçanã uma atuação ligada à medicina do trabalho. Numa pedreira próxima ao hospital, surgiram pacientes com silicose, que foram internados, e tais casos deram origem a publicações, entre as quais um minucioso estudo clínico e patológico de autoria de Nébias,

Grieco e Mignone. O último autor, Constantino Mignone, veio a ser professor de anatomia patológica da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, apresentando tese justamente sobre silicose.

E Nébias era o Dr. João Octávio Nébias, que foi, por muitos anos, diretor do Hospital. Clínico e fisiologista de renome, com cursos de especialização na Alemanha, mantinha no centro de São Paulo consultório de grande movimento, onde fazia pneumotórax e controle radioscópico. Como diretor do Hospital conservava rígida rotina, inspecionando cada enfermaria e supervisionando desde salas de cirurgia até os setores auxiliares, inclusive uma usina de tratamento de resíduos hospitalares. Caminhava por pavilhões e jardins, com porte ereto, atento a tudo e a todos. Morando próximo à Cantareira, filiou-se à Sociedade de Astronomia, recebendo a incumbência de observar determinada estrela. Construiu no fundo de sua bela residência um observatório astronômico completo, com telescópio e demais pertences. Para cuidar da casa, contava com um mordomo japonês, que, ao longo dos anos, aprendeu a lidar com o telescópio, ajudando o Dr. Nébias nas anotações sobre a estrela nas madrugadas.

A experiência clínica do Dr. Nébias, atendendo a numerosos casos de tuberculose nas populações mais diversas, levou-o a formular um plano de tratamento em

massa, mediante a ministração controlada de medicamentos. Esse plano, absolutamente pioneiro para a época, foi levado ao conhecimento do Dr. Johannes Holm, então diretor do programa de tuberculose da Organização Mundial de Saúde em Genebra.

Outra iniciativa pioneira do Dr. Nébias foi a criação de um serviço de reabilitação profissional no Jaçanã, para beneficiar pacientes que necessitavam de prolongada internação. Foi instalada uma gráfica, onde passaram a ser produzidos todos os impressos de uso da Santa Casa, uma oficina de reparação de rádios e uma fabricação e conserto de guarda-chuvas.

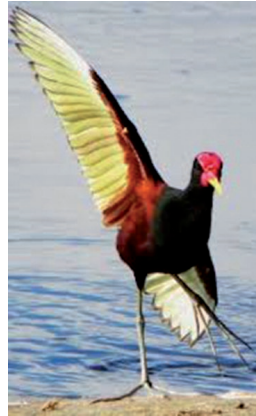
Lembramos ao acaso alguns dos colaboradores do Dr. Nébias: Carlos Comenale, Luiz Losso, Paulo Minervino, Joaquim Roriz, Ítalo João de Stefano e tantos outros. Ítalo, formado pela Universidade Federal de São Paulo, então Escola Paulista de Medicina, foi fisiologista no Jaçanã, na Polícia Militar, no Serviço Social da Indústria, SESI, e no consultório do Dr. Nébias, quando este decidiu parar de clinicar. Trabalhamos juntos, Ítalo e eu, no SESI, no Jaçanã e no consultório particular.

No SESI, Ítalo fazia a leitura das abreugrafias, no Serviço de Recenseamento Torácico, dirigido pelo Dr. Hermelino Herbster Gusmão. Surgiam, nas abreugrafias, casos frequentes de pneumoconioses, tendo o Ítalo adquirido grande experiência no seu reconhecimento. Estando eu na unidade de segurança e saúde no trabalho, cabia-me examinar as condições existentes nas empresas e dar orientação para a eliminação e controle de riscos nos locais de trabalho. Muitos dos casos foram encaminhados ao Jaçanã para tratamento, a ponto de levar o diretor, Dr. Nébias, a criar uma enfermaria própria para internar os casos de doenças profissionais. Coube a mim colaborar nas atividades de prevenção, como fazia no SESI, e frequentemente em cooperação com essa instituição.

A educadora sanitária Yolanda Teixeira, formada no Instituto de Higiene, hoje Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, também trabalhava no Recenseamento Torácico do SESI e no Hospital do Jaçanã. Neste último, supervisionava as atividades administrativas, o arquivo médico, colaborando com o Dr. Nébias como seu braço direito, tendo contribuído decisivamente para as iniciativas aqui relatadas. Aposentados, Yolanda e o Dr. Nébias se casaram e adquiriram uma fazenda de criação de gado em Salesópolis, onde foram viver.

Quem visita hoje o Jaçanã ainda pode sentir, em seus bosques de eucaliptos e longos pavilhões ensolarados, um passado que faz lembrar a Montanha Mágica e as Floradas na Serra, rico em tradições, conduzindo a um presente de bom atendimento à saúde da população.

São Paulo, 10 de janeiro de 2008



Jaçanã: ave de dorso vermelho-castanho vivo, da família dos jaçanídeos (Aurélio).



Jaçanã, estação da antiga Estrada de Ferro Cantareira, imortalizada pelos versos e música de Adoniran Barbosa.

Referências:

Gusmão HH, De Stefano I, Bedrikow B, Aun J. Contribuição para o estudo da silicose pulmonar nas indústrias urbanas paulistas. *Rev. Paul. Tisiol. e do Tórax* XVII, (17):347-553, julho-agosto, 1956.

Mignone C. *Anatomia patológica da silicose pulmonar*. Tese, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 1939.

Nébias JO, Grieco J, Mignone C. Contribuição para o estudo da silicose pulmonar em São Paulo. *Rev. Paul. Tisiol.* 4:212-232, 5:281-351, 6:369-415, 1940.

Bernardo Bedrikow

Médico, um dos fundadores do Departamento de Medicina do Trabalho, APM, em 1952. Texto escrito em 2008, ano em que veio a falecer

Uuuuuuuuuuuuu...!

Nelson Di Francesco

Disponível em: <<http://www.fiam.br/momento/?pg=leitura&iid=351&cat=1>>.



Castelinho da Rua Apa

Resolvi escrever alguma coisa sobre os lugares mal-assombrados mais conhecidos da cidade de São Paulo e falar das famosas fantasmagorias... Muitas pessoas não acreditam e até zombam do assunto. Não é o meu caso; tenho motivos suficientes para crer em muitas delas, afinal trabalho no Prédio Martinelli!

Mas, vamos com calma...

Comecei a reunir as informações colecionadas há anos sobre esses lugares e, para minha surpresa, foi surgindo um, lembrei de outro, mais um... e agora, sem ter a pretensão de elencar todos (afinal, estamos estudando a megalópole São Paulo), o número está chegando a 40! É claro que alguns são “clássicos”, quando se discorre sobre fantasmagorias. Outros ainda não se transformaram em lenda urbana e por isso são pouco conhecidos e explorados.

O assunto se popularizou e a mídia sabe tirar proveito: jornais, revistas e televisão frequentemente os exploram, chegando a mencionar espíritos vagando durante a longa



Edifício Joelma

madrugada. Empresas criaram roteiros turísticos levando os destemidos passageiros: o *tour* macabro pode incluir transporte, visitação, explicações, e até um lanchinho é oferecido! O objetivo do passeio é mostrar as lendas, crenças e mitos urbanos.

Cemitérios não escapam dessa enquete por motivos óbvios; antigas igrejas e museus fazem parte da estatística. Basta uma velha residência ficar esquecida, ameaçando ruir, mato crescendo, telhas faltando... e um gato “visitante” surgindo, para que o local ganhe a má fama. Casarões abandonados mexem com o imaginário da população...

Falemos dos lugares. Considero os dez primeiros a seguir elencados os mais lembrados quando o assunto é fantasmagorias. Entretanto, não há espaço suficiente para informações detalhadas sobre todos. Essas ficarão por conta da curiosidade de cada leitor.

1. Castelinho da Rua Apa (Rua Apa, 236, esquina com a Av. São João) — construído em 1912, de estilo eclético, com

Disponível em: <<http://www.flickr.com/photos/avataashirya/6104295925/>>.

elementos arquitetônicos medievais. No dia 12 de maio de 1937, uma tragédia envolveu os irmãos Reis e sua mãe. Álvaro matou a tiros o irmão (Armando), a mãe (Maria Cândida) e se suicidou em seguida. O fato misterioso é que esse rapaz teria sido encontrado com duas balas na cabeça. Cogitou-se a existência de uma quarta pessoa na cena do crime. O imóvel acabou virando patrimônio da União. Hoje o local abriga a ONG Clube de Mães do Brasil. Ouvem-se vozes, pedidos de socorro e gargalhadas vindas de dentro da casa.

2. Edifício Joelma (Av. Nove de Julho, 225) — palco do incêndio ocorrido em 1º de fevereiro de 1974, matando quase 200 pessoas (há controvérsia sobre o número exato) e deixando cerca de 330 feridos. 13 pessoas utilizaram o elevador e morreram ali dentro, sendo enterradas lado a lado no cemitério da Vila Alpina, e há quem afirme que das sepulturas verte água. O prédio foi construído em local amaldiçoado, pois, em 1948, o “Crime do Químico” apavorou a cidade. Ele matou mãe e irmãs, jogou-as no poço e se suicidou em seguida. Lá se percebem atividades paranormais. Ouvem-se vozes, portas batendo e, segundo depoimentos, os seguranças não gostam do turno da noite, alegando que espíritos vagam pelos andares da construção.

3. Casa da Dona Yayá (Rua Major Diogo, 353, Bela Vista) — durante mais de 40 anos serviu como residência/prisão para Dona Sebastiana de Mello Freire (Yayá), proprietária à época de uma grande fortuna herdada dos pais. Foi declarada incapaz, louca, e veio a falecer, ficando seu patrimônio, como herança vacante, doado para a Universidade de São Paulo. Dizem que a casa é assombrada pelo espírito dela. Sou frequentador habitual do local, e ...

4. Prédio Martinelli (Rua São Bento, 405, Centro) — inaugurado em 1929, já foi ocupado por cassino, hotel de luxo, boate, cinema, escolas. Cerca de 450 adultos e 120 crianças (convivendo com ladrões e prostitutas) moravam lá quando o prédio — então, um cortiço — foi desativado em 1975. Hoje, totalmente restaurado, abriga órgãos públicos municipais.

Elevadores que funcionam sozinhos; a loira que morou lá e, depois de morta, tornou-se a mais célebre assombração, surgindo para assustar os que estão no prédio; gatos que desaparecem no corredor; aroma de rosas que paira no ar sem explicações; sons de passos, vozes, aroma de café fresco entre meia-noite e uma hora. Há o caso do vigia que foi apagar a luz no 24º e ouviu um grito bravo: “Ô, tem gente trabalhando!”. O vigia acendeu a luz e foi procurar o funcionário que havia reclamado. Andou por toda a sala e não encontrou ninguém. Ouviu a descarga do banheiro, foi até

lá e viu as duas portas fechadas. Esperou, tossiu, bateu na porta e nada. Abriu. Não havia ninguém... São algumas das histórias que pairam por lá.

5. Capela dos Aflitos (Beco dos Aflitos, 70, Liberdade) — nessa região, no início do século XIX, eram enforcados os escravos fugitivos, criminosos comuns e revolucionários. Suas almas continuam vagando pela região até hoje. Francisco José das Chagas, o Chaguinhas, injustiçado, sobreviveu a duas tentativas de enforcamento. Seu corpo está enterrado onde hoje fica a porta de madeira da Capela. Visitantes aparecem para cumprir promessas e costumam bater na porta pedindo proteção. Comerciantes locais já teriam visto o soldado circulando pelo bairro.

6. Cemitério da Consolação (Rua da Consolação, 1660) — estudantes de arquitetura habitualmente fazem visita monitorada para estudar detalhes das esculturas e túmulos. Ouvem-se espíritos de gente famosa e rica conversando. Quando foi sepultado o corpo da filha do Comendador Ermelino Matarazzo, o coveiro morreu, e dizem que seu fantasma ronda o túmulo da menina, para saber como está a sua conservação.

7. Túmulo de Júlio Frank (Fac. Direito da USP — Largo São Francisco, 95) — foi professor da instituição e, quando faleceu, não foi possível sepultá-lo em nenhum cemitério católico do século XIX, uma vez que ele era protestante. Seu corpo foi sepultado no pátio da Faculdade, e desde então há relatos afirmando que seu espírito vaga por lá.

8. Túnel ligando o Instituto Central do Hospital das Clínicas ao Instituto Médico Legal (os 90 metros mais indesejados da capital) — pintado de branco, pontilhado de manchas de umidade, silencioso, apenas o barulho de passos e o arrastar de macas que passam...

9. Palácio dos Campos Elíseos — projetado pelo alemão Matheus Häusler, em estilo renascentista. Concluído em 1899, a mando do cafeicultor e político Elias Antônio Pacheco Chaves. O Governo comprou o Palácio em 1911 para servir como residência oficial dos governadores. É frequentado por uma freira, que apavora os que ousam permanecer na casa após cair a noite.

10. Teatro Municipal (Pça. Ramos de Azevedo s/nº, Centro) — vigias teriam escutado o piano sendo tocado durante a madrugada, além de barulhos no salão principal. Há também o caso do afinador de piano, relatando sobre uma cadeira arremessada no palco; luzes que acendem e apagam sozinhas; a alma penada de uma garota circula pelos túneis do teatro. Todo teatro de categoria tem o seu fantasma...

— Igreja de Santa Cruz dos Enforcados (Pça. da Liberdade, 238).

— Edifício Andraus (R. Pedro Américo, 32, República).

— Castelinho (Av. Brigadeiro Luís Antônio, 726, Bela Vista).

— Casa de Detenção do Carandiru (hoje, Parque da Juventude, Santana) — local é tido como espiritualmente carregado em virtude do sofrimento dos detentos, tragédias, massacre, mortes.

— Palácio da Justiça (Pça. Clóvis Beviláqua s/nº, Centro)

— a sala do júri seria frequentada por espíritos injustiçados. Ouvem-se sons de correntes arrastadas no corredor.

— Solar da Marquesa de Santos (Rua Roberto Simonsen, junto ao Pateo do Collegio).

— Câmara Municipal (Viaduto Jacareí, 100, Bela Vista)

— problemas ocorrem nos elevadores. Um segurança diz que levava beliscão das assombrações; fantasmas se divertem na linda escadaria que possui formato espiral.

— Obelisco/Mausoléu aos Heróis da Revolução de 1932 (Parque Ibirapuera) — é um monumento funerário, onde estão sepultados os corpos dos soldados. Há quem ouça tiros e gritos no local.

— Prédio da Fundação Cásper Líbero (Av. Paulista, 900)

— manifestações sobrenaturais motivadas pela má qualidade da transmissão de imagens da TV Gazeta. Problemas de interferência, chuveiros, e “fantasmas” ao lado do apresentador de TV.

— Museu do Ipiranga (Museu Paulista da USP) — fantasmas transitam pelo museu, nas bibliotecas, laboratórios, nas salas de visitação pública e também nos jardins.

— Palácio dos Bandeirantes (Morumbi) — funcionários mais antigos dizem ouvir o ex-governador Adhemar de Barros discutindo com conde Francisco Matarazzo; passos e ruídos estranhos, além de portas que abrem e fecham, também são relatados.

— Vale do Anhangabaú (região central da cidade) — fica sob área considerada pelos índios que habitavam o local como amaldiçoada; era local carregado com energia negativa. “Rio das Almas Mortas”... Desde 1930, suicídios são registrados. Pessoas são levadas a isso pela ação de um mau espírito.

— DOPS — Departamento de Ordem Política e Social (prédio de tijolos vermelhos localizado no Largo General Osório, Luz) — torturadores reinaram soberanos em seus corredores. Militantes políticos morriam vítimas do pau-de-arara, da cadeira do dragão, do choque elétrico.

— Casarão em Higienópolis (DAS — Divisão Antissequestro, Av. Higienópolis, 758) — policiais chegavam a sacar o revólver para atirar nas assombrações.

— Casa bandeirista na Zona Sul.

— Casarão do Anastácio (Pirituba) — pertenceu à Marquesa de Santos.

— Cripta da Catedral da Sé (Centro da cidade).

— Cemitério Chora Menino — nessa área, em 1897, em um chalé antigo morava uma senhora tida como feiticeira que matava crianças recém-nascidas, deixadas lá por mães solteiras ou prostitutas, jogando-as no “Valo de Santana”, onde seriam devoradas por corvos. Pessoas que passavam pelo local escutavam o choro de crianças, por isso a região ficou conhecida como o “local onde choram os meninos”. Por que seriam pagãs? Moradores chamaram um padre para fazer orações no local.

— Palácio das Indústrias (Parque D. Pedro II) — durante muitos anos foi sede do Departamento de Polícia. Acredita-se que o espírito de um escrivão enforcado e os de vários policiais e bandidos que morreram no subterrâneo vaguem pelas suas galerias. Em 1992, quase no final da reforma, foi descoberta uma maleta com roupas, pastas de documentos, circulares administrativas datadas de 1967 e um crânio humano.

— Cemitérios do Araçá (Av. Dr. Arnaldo, 666, Consolação), Redentor (Av. Dr. Arnaldo, 1105, Sumaré) e dos Protestantes (Rua Sergipe, 177, Consolação).

— Igreja da Boa Morte (Rua do Carmo, 202, Região Central) — minha bisavó foi testemunha de um caso de pirogênese.

— Prédio da Av. Prestes Maia, 911 (Bairro da Luz).

— Hospital Humberto Primo (funcionou até 1993) — antigo Hospital Matarazzo, foi adquirido por um grupo francês em 2011.

— Parque da Luz.

— Quartel da ROTA na Avenida Tiradentes — os túneis usados para a locomoção dos soldados, durante a Revolução de 1924, serviram também como cadeia para os presos políticos à época da ditadura militar. O ambiente é “pesado”, úmido, com teias de aranha e grades enferrujadas.

— Mulher Loira vagando pela estação do Metrô Paraíso.

— A cidade subterrânea da Avenida Paulista...

É isso aí.

Resolveu visitar algum desses lugares? Então, cuidado, e que Deus o acompanhe!

Coluna do livro



Avisos interessantes sobre as mortes aparentes

A obra *Avisos interessantes* é um livreto, de M. Pia e M. Gardanne, sobre as mortes aparentes, recompiladas da coleção da Sociedade Humana da Inglaterra, editado em 1790, na Officina da Academia Real das Ciências de Lisboa, em que se discute, entre outros assuntos, se de fato um corpo está ou não morto: “o frio do corpo, a insensibilidade dos membros e a falta dos sentidos externos são uns sinais de morte muito duvidosos e enganadores”. Versa, também, sobre o modo de administrar socorro aos afogados e como cuidar das asfixias causadas pela fumaça. Curioso notar que, em determinado momento, o livre-

to diz que “as paixões fortes como a cólera, a alegria, o medo causão também asphixias”. Seriam os primórdios da psicossomática?

São 28 páginas, encadernação da primeira metade do século XIX, realizada no Porto, capa em pleno couro, com apliques em ouro.

Guido Arturo Palomba
Diretor Cultural da APM

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Guido Arturo Palomba – **Diretor Adjunto:** Carlos Alberto Monte Gobbo

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina (*in memoriam*), Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Arary da Cruz Tiriba, Luiz Fernando Pinheiro Franco e Ivan de Melo de Araújo

Cinemateca: Wimer Bottura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany (curador, *in memoriam*), Nilceo Schwery Michalany (vice-curador)

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.